

## **Seleção Social: Miguel Couto e o antiniponismo na Primeira República**

BIANCA SAYURI MIKI\*

O presente trabalho teve seu início na monografia apresentada em 2012 como requisito para a conclusão do curso de *História* pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. Iniciada sob a orientação do Professor Maurício Parada durante o *Programa de Educação Tutorial* é atualmente o meu projeto de pesquisa no mestrado em História Social da Cultura no Departamento de História da PUC-Rio. O tema em processo de pesquisa é o discurso antinipônico no Brasil.

Nascido no Rio de Janeiro, Miguel Couto (1865-1934) acumulou títulos em respeitadas instituições nacionais e internacionais que lhe deram as credenciais necessárias para combater o que ele nomeava como “perigo amarelo”. No momento em que decidiu criticar a vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil, Couto estava escrevendo de uma posição excepcional, pois não era apenas um homem letrado. Ele era um médico que, dentre outros cargos, ocupava a presidência da *Academia Nacional de Medicina* desde 1914, e era membro da *Academia Brasileira de Letras* desde 1919. Por essas razões, Miguel Couto se destacou no meio intelectual e se transformou num caminho possível para se analisar o antiniponismo no Brasil.

Preocupado com a formação do homem brasileiro, Couto viu nos japoneses uma ameaça nacional por acreditar que todos eles eram dotados de más qualidades que poderiam retardar o progresso da nação brasileira. E mesmo as boas qualidades que eram por ele nomeadas poderiam ser prejudiciais aos brasileiros.

Dentro da sua vasta produção, iniciei a minha pesquisa com a análise de uma obra de Couto em particular, o livro *Seleção Social*. Esse livro foi uma compilação dos quatro artigos de sua autoria que haviam sido escritos para o periódico *O Jornal* nos anos de 1924 e 1925.

Publicada em 1930, a obra sofreu acréscimos em relação aos artigos originais. Foi incluído um texto introdutório intitulado “A grande alternativa” e um texto final que é uma carta pessoal escrita por Miguel Couto ao seu amigo Raul Fernandes intitulado “Uma carta ao Embaixador Raul Fernandes”.

---

\* Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

2

Em 1942, o filho de Miguel Couto, batizado Miguel Couto Filho, reorganizou essa obra de 1930 e acrescentou discursos realizados por seu pai que foram posteriores à publicação original. Foram, então, acrescentados um discurso realizado por Couto Pai na *Sociedade das Nações*, três discursos proferidos na *Assembleia Nacional Constituinte*, e uma introdução escrita por Couto Filho intitulada “Profecias de Miguel Couto”. A obra também ganhou um subtítulo e tornou-se *Seleção Social: Campanha antinipônica*.

A edição de 1942 foi publicada em um contexto diferente do de 1930. O cenário mundial estava marcado pelos adventos da Segunda Guerra Mundial, em que nações dos cinco continentes se envolveram num conflito militar que durou de 1939 a 1945. Durante esse período foram formadas duas alianças bélicas principais, com o Império do Japão e a República dos Estados Unidos do Brasil em lados opostos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as manifestações antinipônicas fizeram parte de uma política de Estado facilmente justificável devido aos lados em que cada nação se afiliou. Tais ideias, entretanto, já circulavam pelo Brasil muito antes dos adventos desse confronto bélico. Essa guerra foi um momento em que a rejeição ao imigrante japonês foi abertamente manifestada pelas autoridades brasileiras, mas a intolerância em si já existia anteriormente. Manifestações antinipônicas antes da Segunda Guerra Mundial podem ser verificadas na publicação de Miguel Couto que ocorreram primeiro em 1924 e 1925 e depois em 1930. Por essa razão, uma pesquisa sobre o antiniponismo nos anos de 1920 torna-se um tema relevante para compreender aspectos do ambiente social da Primeira República na qual estava presente a tensão derivada do contato entre populações com diferentes práticas culturais em uma sociedade com forte presença de imigrantes.

À obra *Seleção Social: Campanha antinipônica* foi atribuído um caráter teleológico, pois foi ressaltado o grau premonitório das convicções de Couto Pai sobre o quão nocivos eram os japoneses para o Brasil e para o mundo. As críticas de Couto Pai e de Couto Filho aos nipônicos têm o mesmo teor e conteúdo, mas a diferença é que Couto Filho estava dentro de um cenário político mundial que lhe permitiu ver os avanços dos japoneses – ou essa “massa de gente imperialista e tão belicosa” (COUTO FILHO, 1942:7) – como a concretização das premonições de Couto Pai.

3

A presente pesquisa se concentrou na publicação de 1930 e não na de 1942, pois são obras que levantam problemas diferentes devido à mudança de contexto. Ao longo desse trabalho, procurei identificar os argumentos utilizados por Miguel Couto e busquei compreendê-los dentro da dinâmica dos anos 1920.

O primeiro veículo de divulgação utilizado por Miguel Couto foi o periódico *O Jornal*. Esse diário matutino fluminense foi fundado em 1919 por Renato de Toledo Lopes, que havia sido diretor da edição vespertina do *Jornal do Comércio*. O periódico pretendia manter-se austero e independente e desejava dedicar-se a assuntos literários e científicos – tanto que a sua redação era composta por um grupo que, em sua maioria, não era formado por jornalistas profissionais.

Apenas um dos artigos escritos por Couto foi publicado antes da venda de *O Jornal*, em 02 de outubro de 1924, ao empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. *O Jornal* logo haveria de se tornar o líder de vendas da cadeia *Diários Associados*, um conglomerado midiático criado por Chateaubriand.

Não é possível afirmar que a mudança de proprietário tenha influenciado o conteúdo das críticas de Miguel Couto, pois o nível das críticas permaneceu o mesmo. Pode-se, entretanto, especular que o fato do médico e do empresário serem grandes amigos tenha facilitado a publicação dos artigos do primeiro.

Quando estava tornando público o seu posicionamento a respeito da imigração japonesa, Couto escolheu uma ferramenta com características muito particulares, o que é significativo das suas intenções como autor.

O jornal era muito utilizado como meio de legitimação da autoridade do autor. Ser publicado em um jornal era uma forma de sedimentar a sua própria credibilidade perante os seus pares e a sociedade letrada como um todo. Ao mesmo tempo, esse tipo de periódico era a maior fonte de informações disponível na época, pois outros meios de comunicação em massa ainda não podiam competir com o alcance projetado por ele. Portanto, Miguel Couto havia escolhido o instrumento que apresentaria maior eficácia para a rápida circulação de ideias no mundo letrado fluminense, o que pode ser entendido como parte da sua pretensão em ganhar mais adeptos para a sua causa.

4

Além disso, no caso desse jornal em particular, a sua periodicidade era diária, o que implicava na renovação das informações nele contidas a cada edição, a cada dia. As notícias reportadas em um curto espaço de tempo tinham eram apresentadas de forma clara e concisa para facilitar a leitura, contribuindo para uma melhor absorção das ideias principais dos textos elaborados. Soma-se a isso a necessidade de um jogo de palavras que cativasse o leitor para que fosse por ele dedicada parte do seu tempo na leitura de uma determinada manchete. Miguel Couto soube escolher muito bem as suas palavras, e fez uso de ironias, deboches e outras ferramentas que o aproximassem de seus leitores; o que era uma prática muito comum nos periódicos dos anos 1920.

É importante ressaltar que esse jornal se sustentava financeiramente com a venda de exemplares, ou seja, ele não teria cedido espaço em suas páginas para publicações que prejudicassem a sua venda. Isso pode ser visto como um indício da presença – mesmo que em grau moderado – do antiniponismo na sociedade letrada fluminense, pois uma série de textos sobre a rejeição ao imigrante japonês não causou incômodo aos leitores. Pode-se concluir, então, que Miguel Couto sabia que estava escrevendo para um público receptível às suas ideias.

Não satisfeito em escrever apenas para o jornal, o médico ainda os publicou em forma de livro, o que era uma prática corrente na época. Na epígrafe que abre a obra, consta: “Deste folheto foi tirada somente uma pequena edição para meus netos. E eles dirão: profecias (ainda bem que erradas?) do meu avô” (COUTO, 1930:2). O tom pessoal e a referência ao ambiente familiar são técnicas que servem para gerar uma aproximação do leitor com o autor. O autor alega estar deixando uma herança da sua produção intelectual para os seus netos, o que aponta para o seu desejo de deixar algo registrado para a posterioridade, para gerações futuras. É uma forma de deixar que o seu legado marque o seu lugar no espaço e no tempo. Mais uma vez, essa é outra ação que pode ser interpretada como uma tentativa de ganhar adeptos para a sua causa.

A escolha pelo título *Seleção Social* já anunciou a filiação do seu conteúdo às teorias que visavam o melhoramento do homem, pois esse vocabulário era empregado com frequência por adeptos de teorias eugênicas. Dentre as diversas práticas pregadas eram defendidas o controle através da educação higiênica e sanitária, a seleção social dos indivíduos considerados os

5

melhores de cada nação e o isolamento dos nomeado degenerados para aprimorar física e mentalmente as qualidades do homem.

A historiadora Márcia Yumi Takeuchi ampliou o argumento antinipônico de Miguel Couto relacionando-o às posições de outros intelectuais como Artur Neiva e o psiquiatra Antonio Xavier de Oliveira:

*“Nos debates empreendidos por Couto, Neiva e Xavier de Oliveira, os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil foram qualificados como indivíduos feios, hipócritas, portadores do eterno sorriso, que obedeciam tão-somente às ordens de seus chefes. Estes, por sua vez, receberiam os comandos diretamente do governo japonês. Os homens do complô nipônico considerariam legítimos todos os meios para a destruição da nação brasileira, inclusive a espionagem. Eram, em suma, na expressão tomada de Miguel Couto, abutres e serpentes que se infiltravam, a fim de tomar todas as riquezas de nossa pátria. Xavier de Oliveira, em seus discursos, afirmara que os japoneses tinham tendência a desenvolver doenças mentais incuráveis. Já Artur Neiva considerava que os nipônicos, além de serem muito mais organizados do que os brasileiros, não eram sinônimo de estética, ao contrário dos desejados imigrantes ibéricos, capazes de depurar a raça brasileira” (TAKEUCHI, 2008:178).*

Tanto Artur Neiva quanto Xavier da Silveira optaram por discursos em que os japoneses eram inferiorizados – fossem por questões estéticas ou alegadas degenerações biológicas. É importante ressaltar que Miguel Couto optava por um discurso de rejeição ao imigrante japonês baseando-se em argumentos que ressaltavam o quão perniciosas eram as suas ações políticas e não por sua composição racial. Mais sobre a ação política falarei em seguir.

Couto não chegou a afirmar a inferioridade nipônica nos moldes de Artur Neiva ou Antonio Xavier da Silveira. Para ele, os japoneses não eram inferiores, mas com certeza eram inassimiláveis culturalmente, algo que podia vir a retardar o progresso da nação brasileira.

Isso pode ser compreendido através da leitura da epígrafe que acompanha o terceiro artigo que foi intitulado “Nações que surgem, nações que imergem” e publicado em 26 de outubro de 1924. Segue:

*“os imigrantes tinham sido introduzidos mais rapidamente do que podiam ser assimilados. Todo americano que ambiciona fazer da sua pátria um verdadeiro grande povo considera a imigração não pela riqueza que o braço barato lhe possa importar, não pelo desejo sentimental de a ver transformada num asilo universal dos oprimidos, mas pelo ideal de uma América povoada por homens fortes, sadios e inteligentes, e mulheres de nobres instintos e puro caráter para comporem a harmonia da vida” (COUTO, 1930:12).*

Tal citação foi retirada de um eugenista norte-americano que acusou os imigrantes de não se assimilarem e, com isso, atrapalhar a harmonia local. Na forma como foi retirada por Couto, a citação apresenta o uso da palavra *imigrantes* sem a definição da nacionalidade dos mesmos, possibilitando dessa forma a sua aplicação ao contexto do Brasil. A escolha por esse trecho é um indício da adesão do médico à crença de que apenas os imigrantes com capacidade para se assimilar e contribuir para a composição da nação brasileira é que deveriam entrar no Brasil.

Vale notar que Couto reconhecia algumas características positivas nos japoneses. No artigo “Nações que surgem, nações que imergem”, ele elogiou os japoneses ao mencionar a sua leitura de um livro de História Universal que os classificou como *nações que surgem*. Nesse livro de História, as *nações que surgem* seriam aquelas que cresceram abruptamente no cenário mundial sem terem se submetido ao poderio das maiores potências.

Segundo ele, “sem um soldo, sem uma arma, sem um navio, sem uma aliança, sem um vintém, para se livrar das nações aguerridas que o queriam redescobrir à força, o Japão teve uma ideia genial: instruir o povo” (COUTO, 1930:18). E continuou: “o Japão era a terceira potência militar do mundo; povo de heróis e patriotas até a loucura; inteligente, orgulhoso e astuto; expansionista por necessidade e imperialista por ambição” (COUTO, 1930:18).

O sistema educacional japonês era admirado pelo médico e ele também atribuiu aos nipônicos características que deveriam estar presentes no povo brasileiro como o patriotismo e a astúcia. Entretanto, o reconhecimento de tais qualidades serviam, na sua opinião, para que se temesse ainda mais esses imigrantes, pois segundo ele o povo brasileiro não seria páreo para combater uma nação tão fortalecida por valores que ele considerava ainda pouco presentes nos brasileiros. O título do artigo “Nações que surgem, nações que imergem”, portanto, apontava o Japão como a “nação que surge” e o Brasil como a “nação que imerge”.

Mesmo sendo capaz de reconhecer algumas qualidades nos nipônicos, Couto não as via como um soldo positivo que os brasileiros poderiam vir a obter com o contato, mas sim como um desafio ainda maior a ser combatido.

A maior frente de ataque do médico se concentrou no expansionismo japonês. No artigo “A imigração japonesa”, ele mencionou a ação da prefeitura japonesa de Hyogo na compra de

7

terras brasileiras e no envio de imigrantes japoneses para habitá-las. O envolvimento de um órgão estatal nesse processo foi visto com suspeita e foi por ele interpretado como mais uma etapa na política imperialista japonesa.

Esse estranhamento se deveu ao fato de que, ao contrário do que havia ocorrido na maior parte dos movimentos migratórios para o Brasil que envolveram as iniciativas particulares, a imigração japonesa foi tutelada pelo estado japonês. O governo nipônico havia tomado para si a responsabilidade de organizar a emigração pelo mundo a fim de garantir a segurança de seus súditos.

Mas Miguel Couto viu soberba na ação dos japoneses ao se darem o direito de escolher de que forma chegariam no Brasil. Disse ele:

*“Os imigrantes nipônicos não nos chegam como os outros; não são enviados para onde a nossa conveniência, mas aonde a deles; não são trabalhadores das nossas terras, são exploradores das suas; não entram na nossa casa como hóspedes, senão como donos, aldeões das suas aldeias. [...] Discuta quem quiser, a sério ou a riso, o perigo amarelo; nós não”. (COUTO, 1930:12)*

A ameaça do perigo amarelo já havia sido utilizada na Guerra Russo-Japonesa. Segundo Dezem, “os japoneses eram vistos sob o prisma de *Perigo Amarelo (gelb Gefahr)*, denominação usada pela primeira vez na Europa pelo Kaiser Guilherme II da Alemanha ao advertir os russos sobre a expansão nipônica pela Ásia”. (DEZEM:5) Couto estava usando a mesma classificação e com o mesmo sentido, mas dessa vez com agentes sociais diferentes.

O receio de Couto recrudescera quando o governo japonês apresentou na *Liga das Nações* uma proposta em que esse órgão teria o direito de rever qualquer ato de uma nação que pudesse interferir nos interesses de outra. Essa foi uma resposta do governo japonês ao governo norte-americano que, em 1924, promulgou uma lei de imigração que proibia a entrada dos japoneses no país.

A *Liga das Nações* aceitou a proposta e concedeu a si mesma o direito de “intervir e fazer esforços conciliatórios nos litígios originados pela legislação interna de qualquer país” (COUTO, 1930:21), o que Couto viu como uma forma de intimidar os povos “assustadiços” como o brasileiro.

O artigo termina com o relato de um fictício pesadelo. Segue:

*“Enfim, começou a colonização do Brasil pelos japoneses; de primeira entrada compraram-se vastos latifúndios; construíram-se adrede transportes da maior capacidade; e eles foram chegando, não em emigração, mas em migração, aos milhares, aos milhões, ao serviço de um único pensamento – o Shin Nihon – o Novo Japão, em obediência a uma só vontade – a do seu imperador. E veio o símbolo sagrado, e vieram os canhões para defendê-lo e os couraçados para garanti-los; depois as nugas, as rugas, as lutas, com a vitória do mais forte; primeiro a coreanização seguida logo da japonização daquele belo país.*

*Foi assim que nas cartas geográficas se apagou o nome de República dos Estados Unidos do Brasil, e apareceram com a mesma cor dois Impérios do Sol, o do Sol Levante e do Sol Poente” (COUTO, 1930:21).*

Miguel Couto temia a japonização do Brasil nos moldes do que estava ocorrendo na Ásia, e ele acreditava que os japoneses tinham o Brasil em mente quando buscaram o auxílio da *Liga das Nações* para conciliar as restrições migratórias impostas por alguns países.

Sobre o avanço japonês pela Ásia, é preciso dizer que ele era factual e inegável. Segundo Dezem, desde 1896, com a criação da *Lei de Proteção aos Emigrantes*, a emigração virou uma política de estado no Japão. Segue:

*“A opção por uma política emigratória dirigida pelo Estado japonês foi resultado, em grande parte, da estratégia expansionista japonesa na Ásia, baseada na necessidade em desobstruir o exíguo arquipélago japonês da explosão demográfica sentida desde a década de 1880. Além disso, havia a necessidade da conquista de um espaço vital, fornecedor não só de terras cultiváveis, mas também de matérias-primas essenciais (carvão, ferro, petróleo) para o desenvolvimento do Japão à sombra das potências imperialistas ocidentais (Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra)”. (DEZEM, 2008:153)*

Desde o término da Guerra Russo-Japonesa (1904/ 1905) quando, pela primeira vez, uma nação asiática havia vencido um país europeu num conflito militar, os japoneses começaram a atrair atenção mundial por seu poderio bélico.

Talvez, o equívoco de Miguel Couto tenha sido o de exagerar o interesse japonês no território brasileiro, pois a criação de áreas de influência se concentrava na Ásia e não nas Américas. Nas Américas, o governo japonês almejava fazer dos seus emigrantes “pequenos embaixadores, legítimos representantes do Japão e da raça japonesa no exterior” (DEZEM, 2008:155) para demonstrar um ideal de civilidade que, assim como no Brasil, também estava

9

sendo buscado no Japão nos moldes europeus. Ao levar-se em consideração, todavia, os avanços contínuos dos japoneses pela Ásia e a intensificação da imigração para os países da América, o temor de Couto torna-se compreensível.

Vale ressaltar que tanto questões biológicas como políticas e morais se entrelaçaram na prática médica da época. A medicina, por visar o melhoramento do corpo humano como um todo, demandava que o profissional também se preocupasse com eventos externos que pudessem afetar a tranquilidade local. Tratava-se de uma medicina tanto biológica quanto política e, portanto, a expansão japonesa em busca por áreas de influência e a possibilidade de que o mesmo ocorresse no Brasil se tornou uma questão importante até mesmo para um médico.

O renomado médico brasileiro Miguel Couto fazia parte de um grupo social que, na sua defesa pelo aperfeiçoamento do homem brasileiro, viu a ameaça no elemento japonês. Os seus argumentos foram bem fundamentados e, justamente por ser um cientista moderno e um ativista político atualizado, conseguiu se destacar no meio acadêmico nacional e internacional.

Na busca pelo melhoramento da sociedade, alguns intelectuais brasileiros se preocuparam em definir o que contribuiria para que se alcançasse o progresso da nação e o que poderia retardá-lo. Os imigrantes japoneses, na opinião de Couto, caíram neste segundo grupo, o que transformou o antiniponismo num discurso socialmente aceitável e numa prática desejável para que o ideal de brasilidade fosse alcançado.

A desqualificação em relação ao imigrante japonês foi tanto racial quanto política, e Couto ressaltou as questões políticas. A expansão pela Ásia e o aumento do seu poderio bélico serviram para aumentar as desconfianças sobre os motivos por trás do movimento migratório para o Brasil, muito embora houvesse pouco suporte que sustentasse a ideia de que o Império do Japão pensava em colonizar toda a extensão territorial brasileira e assim japonizar o país.

A mistura de crença inabalável na ciência e xenofobismo foi o que levou Couto a se posicionar daquela forma contra os imigrantes japoneses. Tal combinação ainda se faz presente nos dias atuais e serve como base nas discussões sobre políticas migratórias no mundo todo e colabora para as criações de *racial profiles*, o que fortalece a defesa sobre a contemporaneidade dessa discussão.

## Referências bibliográficas

### Fontes:

COUTO, Miguel. *Seleção Social*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1930.

COUTO, Miguel. *Seleção Social: Campanha antinipônica*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1942.

### Livros e obras de referência:

CARNEIRO, Maria L. Tucci; TAKEUCHI, Márcia Yumi (org.). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. São Paulo: Edusp, 2011.

DEZEM, Rogério. “Matizes do ‘Amarelo’: Elementos formadores do imaginário sobre o japonês no Brasil” IN *PROIN* – Projeto Integrado Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. São Paulo, s/d. Disponível em: <[http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo\\_matizes\\_amarelo.pdf](http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_matizes_amarelo.pdf)>. Acesso em: 18 de setembro de 2011.

HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete; OKAMOTO, Monica Setuyo (org). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. São Paulo: Edusp, 2008.

HOCHMAN, Gilberto. “Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado” IN *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC (11) 1993, pp.40-61.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

MOTA, André. *Quem é bom, já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NUCCI, Priscila. *Os Intelectuais Diante do Racismo Antinipônico no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2010.

NUCCI, Priscila. “Algumas manifestações do antiniponismo brasileiro (1934-1945)” IN *Cadernos AEL* – Publicação do Arquivo Edgard Leuenroth – Centro de Pesquisa e

11

Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Vol.15, n.27, 2009.

SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SERPA, Phocion. *Miguel Couto: uma vida exemplar (ensaio biográfico)*. Rio de Janeiro: Graphica Saure, 1943.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *Japoneses – A saga do povo do sol nascente*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo, 2004. 200p. Mestrado (História Social) – Universidade de São Paulo.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. “A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado” IN *Revista USP* – Revista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 79, set. 2008. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-99892008000400016&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892008000400016&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 18 de setembro de 2011. pp.173-182.